

NOVOS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Lívia de Oliveira

Professora Doutora do Departamento de Geografia
– IGCE – UNESP – Rio Claro, SP.

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

(Frase de Cora Coralina)

Nesta abertura do 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, que está sendo realizado aqui em Vitória, Espírito Santo, é oportuno agradecer a presença de vocês participantes, e em especial à Comissão Organizadora, na figura da professora doutora Gisele Girardi. Graças a esse grupo de pessoas dedicadas é que foi possível dar continuidade aos Encontros de Prática de Ensino em Geografia. Espera-se, de coração, que outro grupo se apresente para organizar o 8º Encontro, dando prosseguimento ao que foi iniciado em Rio Claro, São Paulo, em março de 1985.

Estas reflexões sobre a formação do professor de Geografia são oportunas e atuais, pois propiciam trocas de idéias e experiências entre professores, educadores e pesquisadores de vários níveis e diversas regiões brasileiras. Espera-se que esta contribuição venha ao encontro das necessidades pedagógicas e geo-

gráficas dos professores e possa, portanto, ser debatida e enriquecida.

Em primeiro lugar, convém lembrar que a Geografia, como disciplina escolar, desfruta de uma situação curricular ímpar, visto que é reconhecida mundialmente como integrante dos currículos escolares em todos os sistemas educacionais, não importando o regime ou as ideologias adotadas. Em alguns países, a Geografia é ensinada / aprendida como parte de Estudos Sociais ou de Geociências, e em outros como uma disciplina isolada. Em segundo lugar, é consenso geral que a Geografia é uma das disciplinas educacionais básicas para o desenvolvimento e a formação intelectual e prática de crianças, adolescentes e adultos. A Geografia possui uma longa e frutífera tradição escolar. Entre nós vem sendo ensinada desde os tempos imperiais como disciplina isolada, e mesmo no período colonial ela integrava o conhecimento da terra e da gente, transmitido na catequese jesuíta. Essa tradição se deve primordialmente à necessidade e ao interesse intrínsecos na natureza humana de conhecer e controlar o meio ambiente próximo, assim como as regiões mais distantes.

Uma vez colocada a posição da Geografia em termos curriculares, é importante destacar que, como as demais disciplinas escolares, a Geografia é um **meio** e não um **fim** educacional. A finalidade precípua é sempre a formação e o desenvolvimento mentais, sociais, biológicos, culturais do aluno. Para isso, devem somar esforços e convergir projetos, levando em consideração a experiência e o conhecimento do professor e as condições e o atendimento da escola.

O professor de Geografia precisa estar informado quanto às diversas mudanças que vêm ocorrendo na vida moderna. Mudanças referente ao ensino da Geografia, ao conhecimento geográfico, aos alunos e à própria visão e concepção de mundo.

As mudanças no ensino da Geografia dizem respeito ao uso da tecnologia da educação que permite dinamizar e tornar mais atraente o processo educacional. O emprego dessa tecnologia, em âmbito de sala de aula, faz com que o aluno desenvolva suas habilidades e capacidades sensório-motoras e intelectuais, relacionando o mundo tecnológico moderno com a própria escola. Essa tecnologia deverá estar acoplada à observação científica, precedendo-a ou sucedendo-a. É essa observação que em Geografia tem sofrido desenvolvimento espetacular. Basta lembrar as fotografias aéreas, e principalmente as imagens de satélite e de radar. Em muitos países, os alunos (crianças e adolescentes) já estão manipulando esses produtos do sensoriamento remoto para interpretar e explicar a organização do espaço urbano e rural. Assim, hoje, a observação científica não se restringe à direta, como é realizada nas excursões ou visitas didáticas, mas se amplia com o emprego de recursos tecnológicos, que permitem uma observação indireta, mas muito mais ampla, seletiva e generalizada. Muito poderíamos discorrer sobre este assunto, porém queremos apenas assinalar a importância dele para a formação do professor.

Nesta perspectiva da tecnologia da educação, não se pode esquecer a grande contribuição que a informática vem trazendo para dentro das salas de aula. O computador manipulado por alunos e professores descortinou novas possibilidades de ensino-aprendizagem, em geral, e em especial da Geografia. Como os comerciais de televisão bem colocam, os alunos podem “viajar” e conhecer novas terras e nossas próprias cidades, estados e regiões. É como se, agora, fosse possível trazer para dentro da escola, a realidade. E o

mais importante é poder trocar idéias e confrontar soluções de problemas comuns.

O próprio conhecimento geográfico também tem apresentado mudanças. O volume de informações transmitidas através de inúmeras publicações especializadas dizem respeito a pesquisas e a abordagens diferenciadas em Geografia. Anualmente, os periódicos e os livros que tratam direta e indiretamente sobre a ciência geográfica são centenas. Mesmo para pesquisadores e professores universitários é um esforço hercúleo manter-se em dia com todas as teorias, pesquisas, técnicas e aplicações utilizadas em Geografia. Os problemas espaciais têm sido equacionados e resolvidos em consonância com as conquistas mais recentes na área dos computadores. Isso tudo tem levado os geógrafos a novas interpretações e explicações da organização do espaço e a cada vez mais recorrer ao trabalho interdisciplinar para seus projetos de investigação.

Por outro lado, as mudanças operadas entre os alunos talvez sejam as mais relevantes. Com outras fontes e canais de informação mais modernos e mais dinâmicos que a escola, os estudantes podem acompanhar os fatos acontecendo, necessitando, portanto, desenvolver um espírito crítico para selecionar e analisar o próprio desenrolar dos acontecimentos. São com estas crianças e estes adolescentes que o professor de Geografia vai trabalhar e conviver nas salas de aula. O mestre necessita, pois, dispor não só de recursos audiovisuais, como principalmente de uma atualização contínua de seus conhecimentos gerais e específicos. As próprias visão e concepção do mundo foram modificadas com as conquistas espaciais e com o desenvolvimento da Cartografia. O planeta Terra, hoje, está se tornando “pequeno” para uma humanidade cada vez maior. Diante do que já foi observado, convém ponderar ainda sobre a natureza da educação geográfica. Duas questões carecem ser enunciadas e respondidas, quais sejam: *como deveria ser ensinada/aprendida a Geografia neste começo do século XXI? Qual deverá ser a contribuição da Geografia para a formação dos alunos que irão assumir responsabilidades ainda neste século que se inicia?*

Estas duas questões encerram toda a problemática da formação do nosso alunado, que não pode estar desvinculada da formação de nossos professores de Geografia. O binômio professor-aluno é inseparável e cons-

titui um todo. Não podemos nos preocupar com a formação de um sem considerar o outro. *Que alunos queremos formar?* Esta é a questão básica que deve orientar a formação que queremos dar aos nossos professores.

Para que a formação do professor de Geografia venha ao encontro das necessidades atuais do mundo moderno, e especialmente das exigências de um mundo futuro, mas muito próximo, é preciso que esteja fundamentada no conhecimento científico geográfico (conteúdo da disciplina), didático (processo ensino/aprendizagem), sociológico (realidade educacional) e psicológico (o próprio aluno).

O conhecimento científico geográfico implica, além do conhecer, o dominar noções básicas gerais e específicas de Geografia. Para tanto, é preciso que a formação do professor não se atenha unicamente a conteúdos, mas sim inclua também, valores e atitudes para com a própria Geografia e para com os alunos. Será por meio desses valores e atitudes que o professor se manterá atualizado e aberto às inovações científicas e educacionais. Não se pode esquecer ainda que o instrumental cartográfico e técnico da ciência geográfica integram o seu corpo de conhecimentos. São os instrumentos como os mapas que os professores recorrem como estratégias de ensino e como atividades de aprendizagem, no nível de sala de aula. Por conseguinte, a leitura e a interpretação de mapas devem fazer parte integrante da formação de um professor de Geografia, bem como as possibilidades de emprego de novas técnicas aplicadas à Cartografia, como aerofotogrametria, sensoriamento remoto e computação.

Não basta o professor dominar o conteúdo geográfico; é preciso, outrossim, dispor de um conhecimento didático. Apesar de todos os autores afirmarem que a base do processo educativo reside no binômio professor-aluno, é de conhecimento geral que o conteúdo e o método, isto é, o **quê** e o **como**, são inseparáveis. É tão importante ser capaz de selecionar e organizar o conteúdo a ser ensinado/aprendido quanto selecionar e organizar as atividades de aprendizagem e as estratégias de ensino, que constituem o núcleo da ação didática. Que técnicas empregar, que recursos audiovisuais utilizar são decisões que estão amarradas ao conhecimento psicológico e sociológico dos alunos e a uma filosofia da educação.

Assim, o professor de Geografia, em consonância com a comunidade, a escola e o currículo, deverá elab-

orar o conteúdo programático de Geografia, mas voltado para as necessidades e os interesses psicológicos e sociológicos dos alunos. Estes (crianças e adolescentes) são seres que crescem e se desenvolvem biológica, psicológica e socialmente, exigindo, portanto, definições e decisões no preparo dos cursos, aulas e atividades concernentes não apenas à sua realidade próxima, mas também à realidade nacional e planetária. A realidade implica sempre inúmeras dimensões; além das tão discutidas sociais e econômicas, é preciso lembrar ainda as culturais, sanitárias, ecológicas, religiosas, de lazer etc. É recomendável, contudo, que o professor de Geografia **conheça** os seus alunos, mas não simplesmente de um ponto de vista social ou pessoal, mas primordialmente do ponto de vista psicológico, ou seja, do seu desenvolvimento intelectual. É o conhecimento psicológico que servirá de guia para a elaboração do programa de Geografia como um todo, compreendendo objetivos, conteúdo, estratégias, atividades e avaliação. Visto que o programa é elaborado **pelo** professor, mas **para** o aluno, é indispensável que os alunos sejam individualizados por faixas de desenvolvimento mental. Esta individualização é que permitirá ao professor montar um programa de Geografia adequado, atingir os objetivos propostos, planejar e preparar os materiais didáticos e as atividades discendentes, e sobretudo avaliar efetivamente a aprendizagem, transformando a simples verificação em um processo de avaliação. Processo esse que exige participação de professor e de alunos, que é contínuo e permanente, mediante o qual se aprende e se ensina.

Para finalizar, mas não o menos importante, é oportuno salientar que o professor de Geografia deve estar imbuído de um desejo de renovação, de aceitação de mudanças, de estar aberto às novidades. Porém, renovar, mudar, aceitar com espírito crítico, reflexivamente, discutindo as vantagens e as desvantagens, ponderando os prós e os contras, selecionando e adaptando as proposições, criando novas situações. *Só assim é que a docência se transforma em um afazer criativo e cheio de realizações*, em uma atividade humana das mais profundas e profícuas. É acompanhando a dinâmica da própria vida, através das mudanças operadas em seus alunos, que o professor se torna um profissional altamente qualificado e realizado.

O professor é sem dúvida nenhuma a mola propulsora do processo educacional. No caso da Geografia, é

ele que manterá o interesse e a necessidade do conhecimento geográfico, despertando a observação, a análise, a interpretação, a busca de explicações espaciais para a vida e para o viver de forma harmoniosa e com o meio ambiente. Por trabalhar diretamente com gente, crianças, adolescentes e adultos, é que o professor de Geografia deve tomar consciência de seu papel numa sociedade moderna, que é o de orientar e preparar indivíduos e cidadãos capazes de viver e de conviver neste planeta Terra.

Quero fazer minhas as palavras tão sábias, profundas e humanas de mestre Piaget:

“O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram – homens criativos, inventivos e descobridores. O segundo objetivo da educação é formar sementes que possam ser críticas, possam verificar, e não aceitar tudo o que lhes é oferecido. O maior perigo hoje é o dos chavões, opiniões coletivas, tendências de pensamentos já prontos. Temos que estar aptos a resistir individualmente, a criticar, a distinguir o que está provado do que não está. Portanto precisamos de discípulos ativos, que aprendam cedo a encontrar as coisas por si mesmos, em parte por sua atividade espontânea e em parte pelo material que preparamos para eles, que aprendam cedo a dizer o que é verificável e o que é, simplesmente, a primeira idéia que lhes veio” (Ripple e Rockcastle, 1964, p. 5).

Quero também fazer minhas as palavras de Dame Iris Murdoch, filósofa, escritora e romancista irlandesa, tão atuais e objetivas:

“A educação não traz felicidade, nem sequer liberdade, pois não nos tornamos felizes porque somos livres. Se somos ou porque somos educados, é porque a educação pode ser o meio pelo qual percebemos que somos felizes. Abre nossos olhos e ouvidos. Conta-nos onde se escondem os prazeres. Convince-nos de que só existe uma liberdade, que realmente importa: a mente. E nos dá a segurança, a confiança para trilhar o caminho da mente que nossa mente educada proporciona” (Iris Murdoch, professora de Oxford, na década de 1950).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRUZ, Maria Tereza Souza. *A Geografia na Escola de 1º Grau: uma proposição teórica sobre a aprendizagem de conceitos espaciais*. Rio Claro: UNESP, 1982. (Dissertação de Mestrado).
- GRAVES, Norman J. *Geography in education*. 2ª ed. Londres: Heinemann Educational Books, 1980.
- _____. (ed.) *New UNESCO Source Book for Geography Teaching*. Paris: Longman and the UNESCO Press, 1982.
- MORRIS, John W. (ed.) *Methods of geographic instruction*. Toronto: Blasdell, 1968.
- OLIVEIRA, Lívia. *Estudo metodológico e cognitivo do mapa*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1978. (Série Teses e Monografias)
- PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.
- RIPPLE, Richard E.; ROCKCASTLE, V. N. (eds.) *Piaget Rediscovered*. Ithaca: Cornell University, 1964.
- SLATER, Frances. *Learning Through Geography*. Londres: Heinemann Educational Books, 1982.

Conferência de Abertura do 7º Encontro Nacional
de Prática de Ensino de Geografia (Vitória, setembro de 2003).